

JOYCE TRINDADE
joyce.trindade@folhadirigida.com.br

Hora da Educação Física no colégio. Os meninos escolhem o time para jogar futebol. Por sua vez, muitas meninas optam apenas por bater papo, colocar a conversa em dia, à beira da quadra esportiva. Deveria ser aula, mas tudo parece tão somente um momento de diversão garantida. Na prática da maioria das escolas, a aula de Educação Física é quase um recreio ampliado. Quem nunca viu as cenas descritas acima? Ou, ao menos, conheceu alguém que pensasse exatamente deste jeito?

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, a Educação Física é componente curricular obrigatório do Ensino Básico. Contudo, enquanto alguns colégios - principalmente os públicos - sequer contam com quadras esportivas, a maioria das escolas particulares ministra as aulas tendo com base brincadeiras e jogos aleatórios. Poucas são as instituições que procuram aprimorar tal disciplina. Que assumem, de fato, o sério compromisso de educar não só a mente, mas também o corpo dos alunos.

Apesar do consenso de que a qualidade das aulas deve melhorar, há divergências quanto ao papel da Educação Física nas escolas. Há quem defenda que a disciplina deve ser mais técnica. A metodologia poderia ajudar na identificação e desenvolvimento de futuros atletas. Outra corrente, entretanto, enxerga a matéria como uma atividade puramente lúdica, onde os estudantes deveriam aprimorar relações mais humanistas e sociais - e não da disputa pela vitória.

Para o especialista Vitor Marinho, a Educação Física trabalha com a lógica do capitalismo, que é a competitividade. "Os estudantes vão para as aulas somente para competir e acabam por não descobrir o encanto da colaboração, da solidariedade e dos resultados de um trabalho em equipe. Isso é uma questão política. Se estes aspectos forem incorporados à disciplina, os alunos vão se interessar mais, vão se sentir mais úteis. Educação é valor", afirma.

Autor dos livros "O que é Educação Física", "O esporte pode tudo" e "Consenso e Conflito - Educação Física Brasileira", Marinho defende que o caráter competitivo deve ser substituído pelo aspecto lúdico. "O ensino precisa ser criativo, para que a criança e o jovem se interesse. As aulas de Educação Física devem ser um momento de aprendizagem, mas também de interação e lazer".

Já para Afonso Hildebrandt, diretor de Esportes do Colégio CEL, um dos mais tradicionais quanto ao incentivo ao esporte, os Ministérios da Educação e Esporte deveriam dar mais valor à disciplina, que poderia ser trabalhada de forma mais eficaz nas escolas de todo o Brasil. "Acredito que a preocupação com a formação e o desenvolvimento de atletas no país poderia estar presente em todas as escolas. Contudo, essa relação é mais forte somente nos clubes", comenta.

De acordo com Afonso, o país poderia se assemelhar aos Estados Unidos ou Cuba, no que diz respeito à produção de atletas, se mudasse a carga horária nas escolas. Assim, os estudantes passariam o dia todo no colégio: estudando em um turno e praticando atividades esportivas no outro. "Quantas crianças não teriam condições de ser atletas nas mais diferentes modalidades? Muitas nem sabem que existe tal esporte. Como podem desenvolver seu potencial?", questiona.

Ainda de acordo com Afonso, havia a esperança de que a realização dos jogos Panamericanos de 2007 no Rio pudessem mudar a mentalidade da sociedade sobre a importância do esporte, o que, no entanto, não aconteceu. "Espero que as Olimpíadas de 2016, que possuem um peso muito maior, possam nos ajudar nesse sentido", anseia.

Qual a função do esporte?

Vitor Marinho, porém, condena a preocupação excessiva de escolas e clubes em formar atletas de alto nível. Para ele, a sociedade e a mídia distorcem o esporte profissional e seu glamour, mostrando essas atividades como um ideal de sucesso possível a todos, quando, na verdade, essa não é a realidade do país.

"As crianças veem na televisão os altíssimos salários que os jogadores ganham - e todas querem ser como eles. Acreditam que podem ficar ricas com o esporte. E quando não conseguem atingir tal objetivo se frustram e inicia-se assim uma série de outros problemas", critica. Para o autor, os professores também contribuem para esta situação, pois são acomodados e tecnicistas - e não humanistas, como defende.

Mesmo que a atividade profissional não seja a meta principal, diversos outros benefícios podem ser alcançados através da prática esportiva. Ainda segundo o diretor de esportes do CEL, estudos realizados, inclusive pelo Comitê Olímpico, demonstram que um dólar investido em esportes no colégio representa uma economia de 15 dólares de assistência médica na fase da vida adulta.

Além disso, no esporte não há divisão de classe social. Todos são iguais. "A pessoa mais pobre do time pode ser a melhor. Isso é muito bom para a autoestima do indivíduo, pois ele passa a acreditar nele mesmo, no próprio potencial. Se fosse mais valorizado, certamente o esporte seria o remédio para muitos problemas, principalmente em relação à violência", acredita.

Um ponto é comum a todos que discutem o tema: o jovem que pratica esporte se educa, aprende a respeitar os outros e interage mais com os colegas e a sociedade. E os benefícios de tais aspectos para o desenvolvimento de qualquer cidadão são inquestionáveis.

Leia Mais: entrevista com Paulo Cesar Montagner na última página desta edição



Esporte nas escolas

Numa disputa sem regras, um placar desfavorável

Qual deve ser o papel da Educação Física?

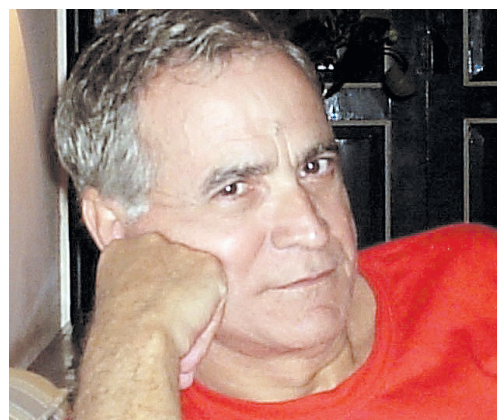
Ajudar na descoberta de novos atletas?

Atuar na formação corporal dos alunos?

Na prática, esporte é tratado nos colégios, quase sempre, como mera recreação.

Especialistas defendem que é preciso tirar a disciplina do banco de reservas da grade curricular. Colocá-la de corpo inteiro em quadra, para que as escolas, como

um todo, possam marcar muitos pontos. Virar o jogo. E ganhar a partida



Vitor Marinho: "As aulas de Educação Física devem ser um momento de aprendizagem, mas também de interação e lazer"

Melhorar a prática esportiva é tarefa dos professores

"Todas as disciplinas da educação básica têm como proposta a formação do cidadão. A Educação Física tem o papel de inserir no estudante o universo da cultura corporal, do movimento. Essa é a perspectiva que está nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Mas isso ainda não foi muito bem absorvido pelos processos pedagógicos". A afirmação é do coordenador do curso de Educação Física da Universidade Gama Filho, Guilherme Borges Pacheco Pereira.

Segundo o professor, não se pode dizer que a aplicação da Educação Física é plena no país, justamente porque o resultado da escola brasileira como um todo não é satisfatório. Por não ser uma atividade puramente intelectual, e pelo fato de a escola ainda não ter se mobilizado para entender a disciplina integralmente, Guilherme Borges percebe que ainda existe muita desvalorização destes docentes.

Porém, para o coordenador da Gama Filho, instituição tradicional nesta formação, é indispensável a participação de cada um para melhorar a prática da disciplina. "Acredito que a voz do professor no processo pedagógico depende muito dele próprio. Ele deve procurar ocupar os espaços de discussão, ser ativo e participativo. O professor, seja de Educação Física ou de qualquer disciplina, não pode ficar mudo diante das dificuldades da escola, dos alunos e dos pais. Deve propor, participar, dar sua contribuição para melhorar o ensino."

Para ele, é totalmente possível alinhar ludicidade e técnica na prática esportiva nas escolas. O professor defende que uma boa aula de Educação Física deve ser técnica, bem planejada e ministrada de forma eficiente. Entretanto, também é preciso dar multiplicidade de experiências para o horizonte cultural do aluno.

"A Educação Física tem um potencial lúdico pela sua própria natureza. Mas, a competição e a técnica não são antilúdicas. A escola também não precisa se preocupar com projetos de seleção de talentos, se forem dadas boas aulas. O que é preciso é que todos tenham a possibilidade de praticar esporte em seu colégio. Se isto acontecer, quem for talentoso vai aparecer", conclui.



Marcela (camisa 3) e Luisa (12), com as colegas de time: bom desempenho nas quadras e também nas provas

Estudantes atletas defendem maior incentivo

As aulas de Educação Física no Colégio CEL são bem diferentes das tradicionais. Cada unidade possui uma área desenvolvida para a prática de esporte ou realiza parcerias com clubes locais para promover tais atividades. Os professores são especialistas nas modalidades que ministram e, no ensino médio, o aluno escolhe qual esporte quer praticar.

Além disso, a instituição desenvolve, há mais de 16 anos, um projeto de apoio ao esporte amador no Rio de Janeiro. Com isso, oferece a diversos estudantes a obtenção de bolsas de estudo e a possibilidade de conciliar ensino e esporte, o que auxilia os atletas na continuidade da vida escolar.

Com os vice-campeonatos mundiais, masculino e feminino, no World School's Championship ISF Volleyball - 2008, realizado na Itália, o CEL também possui o

melhor desempenho ao longo de todas as edições das Olimpíadas Escolares Brasileiras, competição realizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro e o Ministério dos Esportes.

A instituição é a que mais representou o Rio de Janeiro - mais de 50 vezes - em competições nacionais e internacionais, sendo a única a ter conquistado 17 títulos de Campeã do Brasil e cinco títulos de Campeã Sulamericana nas campanhas do Basquete Masculino no Chile (2002), do Vôlei Masculino na Colômbia (2006) e Uruguai (2008), e do Vôlei Feminino no Equador (2009) e Peru (2010).

Participantes do projeto e do time campeão de Vôlei do CEL, as estudantes atletas Luisa Domingues e Marcela Amaral, de 14 e 15 anos, respectivamente, se encontraram no esporte. E são a favor de que a atividade seja mais desenvolvida nos colégios.

Para Marcela, as competições geram compromisso e responsabilidade nos estudantes. "Todas as escolas do Rio deveriam participar destas competições. Antes de entrar no CEL estudava em outra escola particular. Porém, lá não participávamos de quase nada nas aulas de Educação Física. E eu acabava faltando às aulas das modalidades que não gostava", revela.

A colega Luisa concorda. Para ela, as escolas poderiam formar grupos de acordo com os interesses de cada estudante. Quanto à participação no projeto, ela afirma ser fundamental. "O CEL nos dá todo o suporte para treinarmos e manter a rotina de estudos. Se não fosse esse auxílio, seria muito difícil permanecer nas duas atividades, seja pelo tempo ou mesmo pela questão financeira", garante.